

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DAS CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO
CURSO DE HISTÓRIA BACHARELADO

TACIANE BORGES UMPIERRE DE MORAES

**HISTÓRIA AMBIENTAL DA CIDADE DO RIO GRANDE NA PRIMEIRA METADE
DO SÉCULO XIX: PERCEPÇÕES ESTRANGEIRAS E SUAS REPRESENTAÇÕES
DE NATUREZA**

RIO GRANDE

2013

TACIANE BORGES UMPIERRE DE MORAES

**HISTÓRIA AMBIENTAL DA CIDADE DO RIO GRANDE NA PRIMEIRA METADE
DO SÉCULO XIX: PERCEPÇÕES ESTRANGEIRAS E SUAS REPRESENTAÇÕES
DE NATUREZA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História Bacharelado da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em História com ênfase no Patrimônio Socioambiental.

Orientador: Dr. Daniel Porciúncula Prado

RIO GRANDE

2013

*“Coqueiro e figueira dos matos,
E a bela Lagoa dos Patos.
Oh, verdadeiro tesouro.
Lago, verde e azul.
Que na América do Sul
Deus botou pra bebedouro.”
(Helmo de Freitas. “O Carijó”)*

Dedico este trabalho à minha bela família, meu marido e meus filhos, aos meus pais e irmãs e aos meus professores, colegas, amigos, e ao Curso de História da FURG.

AGRADECIMENTOS

Agradecer parece tão pouco quando olhamos para atrás e percebemos o quanto de especial e importante foram as pessoas que caminharam e caminham comigo em minha trajetória. Agradecer parece muitas vezes uma moeda de troca ao favor que fizeram a mim. No entanto, é o que me resta a fazer neste momento e, com certeza, às muitas pessoas que citarei aqui, devo muito mais que um simples agradecimento.

Agradeço, primeiramente, a uma força maior, que rege mares, terras, céus e a nossa existência. Aos meus pais Francisco e Marlene Umpierre por me oportunizaram a vida, a educação e a estrutura familiar. Às minhas grandes irmãs Andréa, Anelise, Silvana e em especial à Marcia, que é uma irmã, amiga, comadre e uma referência pessoal e profissional. Aos meus cunhados, e ao muito amigo e, até muitas vezes pai, Alexandre. Aos meus sobrinhos amados, aos meus primos, e destaco aqui a Kamilla, uma prima e amiga eterna e ao Luciano, que me ajudou com a correção deste trabalho. Aos meus sogros Osvaldo e Neusa Moraes, que foram e são, também, meus pais e verdadeiros amigos, a quem admiro muito. Ao meu avô, uma pessoa que jamais deixarei de agradecer pelo que representa para mim. Aos amigos, que são tantos que não vou citá-los para não cometer a injustiça de esquecer-me de colocar o nome de alguém. Aos meus colegas, parceiros de estudos, pesquisas e risadas; e destes colegas destaco Maria de Lourdes Lose, Luiza Melo, Paula Almeida, Juliana Oliveira, Renato Levien, Luciano Leon, Adriana Pinheiro, Carolina Moraes, Daiane Eslabão, Tiago Branco, Bread Estevam, o meu coorientador, Cíntia Machado. O meu muito obrigada é para quem realmente instruiu-me até aqui, os meus professores, que são eles: Helena Ferreira, Isabel Cristina Veiga, Rosângela La-Rocca, Terezinha Meza, Leonor Rodrigues, da Escola Dr. Bulcão; Denise, Vera e Leci, da Escola Lilia Neves; e o agradecimento muito especial aos professores que fizeram de um simples gostar da história, virar um amar a história. São eles: Daniel Prado, meu orientador, Júlia Matos, Luiz Henrique Torres, Francisco Alves, Jean Batista, Carmem Schiavon, Jussemar Gonçalves e Juarez Fuão.

Deixei para este parágrafo os agradecimentos mais do que especiais a três pessoas que dividem comigo os dias e as noites, a casa, a renda, as alegrias e as tristezas. Ao meu amado marido Flavio Moraes, um verdadeiro amigo, companheiro e cúmplice, o meu muitíssimo obrigada aos meus amores de filhos Ana Clara e Miguel, minhas razões de viver. Vocês três são a minha alegria.

A todos o meu muito obrigada!

RESUMO

A sociedade que está se estruturando nos séculos XVIII e XIX enfrenta as divergências que o ambiente natural oferece nesta região. A sua estruturação física está se erguendo em um terreno móvel, dominado pelos elementos representados por areia, vento e água. Esta sociedade da Vila/Cidade do Rio Grande, a primeira que forma-se na Província de São Pedro, Sul do Brasil. Uma estrutura militar neste espaço está estabelecida por estratégia à defender o território português dos cobiçados olhos espanhóis, também defender-se das ameaças que este espaço oferta. Mas, essas defesas não seriam em vão, porque as ameaças deste ambiente são superáveis em se tratando de um território com um porto natural. O ambiente que Saint-Hilaire e Nicolau Dreys descreveram em seus relatos é interpretado neste trabalho através de representações de natureza no espaço que se desenvolveu a urbanização no século XIX e as perspectivas futuras para a cidade do Rio Grande.

Palavras-chave: História Ambiental, representações de natureza, Cidade do Rio Grande, século XIX

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 HISTÓRIA AMBIENTAL.....	8
1.2 MÉTODO	10
2. O SURGIMENTO DA CIDADE DE RIO GRANDE.....	12
2.1 A VILA/CIDADE DO RIO GRANDE	13
2.2 OS VIAJANTES FRANCESES.....	21
3. AS REPRESENTAÇÕES DE NATUREZA DESTES ESTRANGEIROS.....	24
3.1 A TENDÊNCIA NATURALISTA INFLUENCIADA PELAS CIÊNCIAS MODERNAS	33
4. CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	39

1. INTRODUÇÃO

Ingressei no curso de História Bacharelado no ano de 2005. Sem muitas perspectivas, desisti e retornei algumas vezes. No ano de 2009, novas oportunidades foram oferecidas e contemplando muitos acadêmicos incluindo eu, com a implantação da Ênfase de Patrimônio Socioambiental, onde encontrei o meu foco de pesquisa. Esta nova perspectiva ajudou a abrir e a aguçar o olhar de pesquisador e encontrar nesta, uma possibilidade de trabalho por ser uma área bastante discutida na sociedade nos últimos trinta anos. A proposta da Ênfase de Patrimônio é empolgante e muito interessante, pois possibilita trabalhar em diversos campos de estudo e principalmente na História Ambiental. Ao longo desses últimos quatro anos, abri meus horizontes em relação ao ambientalismo e à sua história, que serviram como norteadores desta minha pesquisa.

Neste processo de formação, surge a ideia de relacionar o estudo da proposta da ênfase com minhas vivências, pois essa identificação com a área ambiental dá-se através dos princípios de preservação e sustentabilidade que formei ao morar no interior (zona rural) da região da Campanha quando criança. Ainda que de modo inconsciente, fui ajudada na assimilação deste conceitos em forma teórica. Ao vir morar em Rio Grande e estudar a sua história na universidade, direcionei minha pesquisa e, assim, trabalhando com a história ambiental e focando a história da cidade do Rio Grande, estabeleci o campo de estudo que desenvolverei neste trabalho de conclusão. O objetivo deste trabalho será construir uma história ambiental da cidade do Rio Grande através da percepção e da representação de natureza a qual Nicolau Dreys e August Saint-Hilaire descreveram em seus diários ou publicações da época.

Aprendi a enxergar a História Ambiental como uma nova forma de escrever a história através de uma visão mais complexa, envolvendo não só o homem, mas sim, o homem e a sua relação com o seu meio natural e vice-versa. Ao estudar a educação ambiental automaticamente, tem-se aguçada a necessidade de conhecer a sua história. Segundo Prado¹, a História Ambiental serve como um instrumento para a construção da Educação ambiental. Surge, assim, um horizonte maior para explorar. Esse novo campo da História é entendida como o mais recente campo de estudo e está relacionada diretamente com o espaço, onde

¹ PRADO, Daniel. A figueira e o Machado uma história da raízes do ambientalismo no Sul do Brasil e a crítica ambiental de Henrique Roessler. Ed. FURG, 2011

deixa explícita a história de um lugar material e a sua cultura. Acredito que a educação ambiental também é um instrumento responsável pelo processo de transformação de mentalidade. E para que este instrumento tenha base para atuar, é necessário um conhecimento da história a qual explica o surgimento da educação ambiental.

O objetivo específico deste trabalho é construir teoricamente uma história ambiental da Cidade de Rio Grande das primeiras décadas do século XIX através das descritivas de dois franceses que viajaram para o Brasil e passaram por esse território neste período. Este tema apresentará um ambiente em sua essência, e a luta do homem para permanecer e ainda construir suas vidas nesse território através da percepção destes viajantes. É com essa relação homem-natureza que dará a história do Rio Grande, já muito bem escrita por outros historiadores, um enfoque ambiental.

1.1 HISTÓRIA AMBIENTAL

A História Ambiental com essa titulação tem um curto período de existência, mas já vem permeando nas pesquisas ao longo dos últimos séculos. Ela surge, de certa maneira, impulsionada pelas sucessivas conferências da década de 1970, em que muitos questionavam sobre as crises ambientais. Década esta, de grandes eventos político-sociais, onde uma mudança de mentalidade fez nascer movimentos sociais que são responsáveis pelo surgimento de uma reavaliação e uma reforma cultural no mundo todo. Neste momento, a História Ambiental apresenta-se não só no olhar prático dos movimentos sociais, como também nos estudos teóricos sobre a natureza, homem e ambiente, onde se estabelece um diálogo entre diversos campos científicos.

Segundo Prado², estas teorias constroem um novo olhar do historiador ao campo da ecologia. Certamente esse diálogo está relacionado a filosofia, geografia, sociologia, botânica, história, política e muito outros que entrelacem interesse sobre este assunto.

O historiador entra em um novo caminho neste momento, não mais se limita aos tradicionais como a história política, por exemplo, mas agrega agora o caminho ambiental, onde tratará de questões relacionando o homem e a natureza. Como aborda Drummond na quarta característica do texto *A HISTÓRIA AMBIENTAL: temas, fontes e linhas de pesquisa*. O historiador ambiental pode beber das mesmas fontes que um historiador economista utiliza,

² PRADO, 2011

no entanto, o grande diferencial será o olhar acurado do historiador ambiental, que apresentará uma relação do meio social com o meio natural.

Para Worster, a história ambiental não tem fronteiras, pois trata-se de natureza e as ações do homem neste meio. Os movimentos da natureza ultrapassam os limites que o homem determina como fronteira e assim, o historiador tem que estar atento para observar estes movimentos. Os desafios para o historiador ambiental aumentam por tratar de diversas áreas de estudo em uma mesma pesquisa. A questão interdisciplinar é necessária para a construção de uma pesquisa ambiental.

O período que se começa a estudar mais aprofundadamente sobre a natureza, diz Drummond, foi no século XIX, onde pequenos grupos de cientistas contestaram a idade da Terra definida pelo Velho Testamento, ousando uma liberdade que os intérpretes desse trecho da Bíblia não admitiam. Pois, a partir dessa ousadia, surge a ciência natural que, nesse trecho a seguir, é revelado como um dos motivos que aguçaram estes estudos:

A 'História Natural', que estudava em conjunto com a geologia e a vida animal e vegetal, a primeira atividade social moderna a literalmente exigir outras unidades de medidas de tempo e, principalmente, muito mais tempo.³

Esta citação traz ao contexto a chamada *revolução científica*, devido ao desenvolvimento da intelectualidade no período dos séculos XVII e XVIII. Novos estudos de grupos de cientistas encontra uma necessidade de entender o processo natural do homem e do seu meio a partir do tempo. Quem traz esta discussão à tona é a ciência natural, contrariando a ciência social que aceitava que o tempo era definido pelo Velho Testamento, pois acreditava que a sociedade humana era superior à história natural. Esses conflitos intelectuais são levados ao longo do século XIX e XX, quando cientistas naturalistas desafiaram os cientistas sociais com seus paradigmas e sugeriram suas pesquisas com conceitos de natureza.

É neste contexto que os viajantes que trabalharei encontram estas descobertas da história natural que revolucionaram estudos da época e também conflitaram com estudos clássicos e tradicionais das ciências sociais. Esses viajantes, influenciados por esta tendência da história natural, observam o espaço com um olhar na natureza na qual o homem está ocupando. O foco desses direciona-se ainda mais para os aspectos naturais, com estudos do

³ Drummond, 1991, p. 2

solo, animais, vegetais e outros elementos da natureza. No caso do Rio Grande, seu ambiente era bastante pertinente para uma observação.

Impossível falar da origem da cidade de Rio Grande sem falar em história ambiental quando aguçamos nosso olhar e nos deparamos com as fontes, e com a nitidez que a estrutura urbana se molda com uma característica de proteção e superação do homem, em um ambiente tão instável.

Neste período de surgimento ainda não existiam frentes preservadoras, movimentos ambientalistas, mas existia uma preocupação de cuidar dos recursos naturais, pois a ideia de esgotamento destes recursos já se fazia presente em estudos de naturalistas da época. É no século XIX que surgem as Ciências Naturais, que conduzem os viajantes ao chegarem ao Brasil a analisarem o ambiente e a sociedade que se estabelece. No caso destes dois viajantes, que trabalhavam em ofícios diferentes no seu cotidiano --Dreys era um comerciante e também militar e Saint-Hilaire era botânico-- ambos com influência da História Natural e que não se dedicaram apenas no que era de praxe analisar, foram mais além, observando também, o comportamento humano no espaço visitado e observado. É assim que conseguimos através desses viajantes, extrair uma história ambiental.

1.2 MÉTODO

Para construção deste trabalho foi utilizado texto metodológico de análise de conteúdo⁴. A metodologia apresentada por Roque Moraes⁵ conduz a pesquisa de fontes a um processo realizado passo a passo com o intuito de tanto interpretá-las, quanto para descrevê-las, dando uma compreensão além de uma simples leitura.

Este método teve sua origem no século XIX, mas nos últimos cinquenta anos foi renovando seus modos de abordagens e também suas características. Com esta renovação, a análise de conteúdo, que foi criada num período de paradigma positivista, deixa de explorar a quantificação e passa a trabalhar mais a qualificação do conteúdo, pois consegue um aprofundamento maior na investigação. Moraes destaca deste método a categorização, descrição e a interpretação, afirmando que são processos fundamentais para esta análise,

⁴ MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

⁵ Professor Doutor em Educação. Docente da PUC/RS

essencialmente em pesquisas de “natureza dialética, fenomenológica e etnográfica e muitas outras”⁶.

O interessante na Análise de Conteúdo é a forma na qual conseguimos utilizá-la, pois como uma ferramenta versátil, aplicamos em vários campos investigáveis tais como: linguísticos, psicológicos, sociológicos, histórico e entre outros em cujos quais haja dados científicos em suas investigações. Trata-se de um instrumento adaptável a vários temas, onde se renova e se molda ao que se propõe a investigar. Assim, o autor afirma que a análise de conteúdo apresenta-se não só como uma simples técnica de investigação e estruturação, mas sim, uma metodologia de múltiplas variedades, atendendo às inúmeras necessidades relacionadas à análise de dados informativos e a um conteúdo qualitativo.

Moraes especifica ainda mais neste texto citado a seguir:

"A matéria-prima da análise de conteúdo pode constituir-se de qualquer material oriundo de comunicação verbal ou não verbal, como cartas, cartazes, jornais, revistas, informes, livros, relatos autobiográficos, discos, gravações, entrevistas, diários pessoais, filmes, fotografias, vídeos, etc. Contudo, os dados advindos dessas diversificadas fontes chegam ao investigador em estado bruto, necessitando então, serem processados para, dessa maneira, facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e inferência a que aspira a análise de conteúdo."⁷

Com este método de análise, trabalha-se o tema com o enfoque nas categorias e na interpretação das representações de natureza a qual é apresentada pelos dois autores: Nicolau Dreys e Saint-Hilaire, ao longo de suas obras. As categorias aparecerão definidas no terceiro capítulo deste trabalho, juntamente com a descrição destas e a interpretação de cada uma. Estarão definidas por representações de natureza que cada autor relata em suas obras. São as categorias: a Costa (mar), as Areias, os Ventos, a Vegetação, as Lagoas (águas, alagados).

⁶ MORAES. 1999. P 02

⁷ MORAES. 1999. P 03

2. O SURGIMENTO DA CIDADE DE RIO GRANDE

Para estudar a formação da Cidade do Rio Grande é indispensável pensar no ambiente natural no qual se organizou a sociedade que estabeleceu a urbanização. Pensar na sua formação é pensar diretamente no seu porto natural, suas areias, seus alagados e seus típicos ventos. A Cidade do Rio Grande nasce por uma ideia estratégica político-militar onde estabeleceram fortes militares para manter o porto natural sob dominação portuguesa. Em todos os momentos a cidade, antes vila, foi estruturada em função do porto. O povo que se estabelece neste território tem relação direta com atividades portuárias e com o comércio. O importante era aprender a sustentar-se neste território. A fixação neste primeiro momento da cidade era necessária e obrigatória para impedir a invasão em terras portuguesas.

Para os ocidentais, um território com acesso marítimo representa uma riqueza em relação ao que este acesso pode proporcionar economicamente. E voltando ainda mais, lembremos que a civilização ocidental surge na beira da água. As descobertas de novas terras, de novos mercados e mercadorias se deram através de um acesso marítimo. Não é por acaso que os portugueses dominaram a arte da navegação e se lançaram ao mar, que a Espanha também aproveitou essa vantagem e, também, a Inglaterra.

Todos esses Estados eram ofertados com acessos marítimos. Seguindo a mesma lógica, Rio Grande surgiu por esta estratégia, assim como também a Colônia de Sacramento, Buenos Aires e muitas outras cidades. Portos significavam uma porta de entrada e saída, necessários para o desenvolvimento econômico. Foi de fundamental importância este porto em Rio Grande, primeiramente como estratégia militar e, logo em seguida, como um centro comercial da região, que se desenvolveu devido aos conflitos na região do Prata e à insurreição das colônias espanholas.

Para entender melhor a importância da Cidade do Rio Grande, a sua história, e principalmente o território que se estabelece a urbanização, partiremos da sua fundação e o porquê da estruturação deste lugar. Nesta gravura abaixo está representada um mapa da região que iniciou a urbanização. Essa figura é apenas para demonstrar o território da Cidade do Rio Grande e o complexo de ilhas.



Figura 1: Mapa do Rio Grande em 1776.

Fonte: historiaxatualidade.blogspot.com

2.1 A VILA/CIDADE DO RIO GRANDE

A organização político-administrativa da vila/cidade do Rio Grande originou-se na primeira metade do século XVIII com a formação do presídio Jesus-Maria-José.

A necessidade de uma estrutura administrativa e militar nesta área deveu-se à expansão lusitana, que pretendia se estender até à região do prata para dominar e controlar o comércio ilícito da região.

Um dos objetivos era conseguir penetrar os produtos ingleses e portugueses nas colônias espanholas, e junto com isso, à evasão de ouro e prata espanhol. Este território foi motivo de discórdia entre Portugal e Espanha. A Cidade do Rio Grande era perfeita para o ataque de navios e cobiçada pela coroa espanhola que entendia a importância desta área aos portugueses e o quão beneficiados seria se obtivessem o poder desta região. Nas últimas décadas, ainda no século XVIII, a invasão espanhola marcou a cidade do Rio Grande e, com uma permanência de treze anos, os espanhóis mudam bastante a característica da cidade. Uma

das características que Rio Grande perde é o centro administrativo da Província de São Pedro para Porto Alegre. Nicolau Dreys descreve sobre os comentários negativos da presença dos espanhóis. O historiador Dr. Francisco das Neves Alves aborda sobre este relato de Dreys:

Dreys relatava os comentários de que a culpa pelo avanço das areias devia-se período da invasão espanhola (1763-1776), pois seria a planície em que estava edificada a cidade, a princípio, agradável, rica de vegetação e coberta de árvores, entretanto, a situação mudara com a chegada dos hispânicos, acompanhados de tantos animais, e tanto tempo os conservaram no território, para serviços da tropa, que na retirada dela, a vegetação circunvizinha se achava completamente arruinada. Desse modo, permanecia explicando o francês, depois dessa grande dilapidação, as areias arrebatadas pelos ventos, não achando mais obstáculos, progrediram em suas constantes irrupções até chegarem ao centro da cidade e sepultarem uma parte dela.⁸

O interessante de destacar este trecho, é poder comprovar de certa maneira, que existiu uma atividade impactante para este território. Ainda destacando este trecho, Dreys considerava a posição, que a população povoava, muito desgraçada e que o homem sobressaía das dificuldades em que este ambiente natural estabelecia, conforme está representada na Figura 2.



Figura 2: Porto do Rio Grande, 1824. Aquarela de Debret

Fonte: odiariodomatuto.wordpress.com

O início do século XIX é considerado para muitos pesquisadores, entre estes os historiadores Francisco das Neves Alves e Luiz Henrique Torres, um momento de recuperação deste território, de um processo de desenvolvimento na região, um momento de total transformação de um espaço natural à um espaço artificial (construção urbana).

⁸ ALVES e TORRES. 1997. P 51

A Câmara Municipal já se estabeleceu nesta primeira década do século XIX e, junto a ela a organização político-administrativa. “Mesmo a Vila não sendo mais o centro da província, Rio Grande continua a desenvolver um importante papel na região com o entreposto comercial”.

Ainda no final do século XVIII a pecuária começou a ser desenvolvida nesta região oriunda da dominação espanhola, que segundo ALVES e TORRES, prejudicou muito a Vila, mas com as charqueadas, fez-se presente um fortalecimento econômico da região, tornando-se, no início do século XIX, uma capital centralizadora desta produção de charque. A região transforma-se num centro comercial e, assim, o aumento populacional é uma consequência desse desenvolvimento. A figura abaixo representa a movimentação do comércio no porto.



Figura 3: - Porto de Rio Grande, WENDROTH Rudolf Herrmann

Fonte: Capa da obra de Nicolau Dreys, Notícias Descritivas da Província do S. Pedro do Sul. Ed. 4, 1990.

O escoamento de produtos como couro de boi, os chifres, a graxa, o sebo, o tutano, carne em barris e, o mais importante, o charque, era a principal atividade da Vila/Cidade do Rio Grande. Sua fundação tinha esta meta como estratégia por tratar-se de um porto apto para essa atividade.

A alfândega facilitou ainda mais o avanço comercial, pois esta controlava o fluxo de produtos que chegava à região. Mesmo tratando-se de um porto natural, o porto do Rio

Grande trazia alguns problemas no controle destas mercadorias que chegavam, pois quando a lagoa estivesse impraticável, os navios atracavam em São José do Norte.

Para acabar com esses transtornos e manter uma fiscalização mais rigorosa, foi feita em 1823 uma dragagem⁹ para aprofundar o canal e a construção de uma estrutura portuária que facilitaria e possibilitaria os navios atracarem no Rio Grande. Esta dragagem ocorreu três anos após à passagem de Saint-Hilaire, talvez seja esse o motivo para o mesmo acreditar que o Porto teria mais capacidade na Costa de São José do Norte. Para Dreys, o porto estava muito bem estabelecido, pois no período que Dreys veio para Rio Grande a dragagem já havia sido realizada.

Auguste de Saint-Hilaire, um dos viajantes que teve sua obra analisada neste trabalho, comenta sobre a alfândega e sobre o porto do Rio Grande onde ele declara que o ideal seria abandonar a Vila, pois o acesso náutico no Norte seria melhor. Saint-Hilaire destaca ainda que a alfândega está no Rio Grande devido uma “proteção oficial”, deixando de aproveitar o que a natureza oferece. Mas percebe, também que é a Vila do Rio Grande que é o centro de todo o comércio, portanto a alfândega teria se instalado lá por uma estratégia comercial. Claro, que a ideia de Saint-Hilaire está um pouco deslocada aqui, pois ele presencia esses problemas em 1820, quando ele passa um mês na Vila e a dragagem ocorre três anos depois. A necessidade de concentrar o porto próximo ao centro comercial levou ao aumento do canal da lagoa, através da dragagem, para a entrada de navios ainda maiores.

Um trecho muito interessante que ALVES e TORRES abordam, é a dificuldade encontrada para a navegação na Barra do Rio Grande. A curiosidade é que, como Rio Grande era bom para a construção de um porto, mesmo existindo essas fragilidades apresentadas por Dreys e Saint-Hilaire, e era muito perigoso o acesso, imagina-se então, como seria o restante da costa da província. Esta curiosidade será detalhada no terceiro capítulo, onde será tratado a representação da costa através destes viajantes. Portanto, apresenta-se aqui o trecho do livro “A Cidade do Rio Grande” dos autores citados acima, onde são destacadas essas fragilidades.

O problema residia na profundidade da Barra, que decrescia de forma diretamente proporcional ao avanço urbano, populacional e comercial riograndino, em consequência de aterros feitos pelas enxurradas, despejo de moradores, varreduras das embarcações e areias lançadas pelas embarcações

⁹ Retirada de sedimentos acumulada no canal de tráfego naval, ou seja, um aprofundamento no canal

de guerra, de modo que essa profundidade entre 4,40 metros, em fins só século XVIII, para 3,60 metros, em 1848 [...] ¹⁰

Em relação a este porto que foi o motivo de todo o crescimento e desenvolvimento desta região e que está diretamente atrelado a expansão da urbanização da Vila/Cidade do Rio Grande, o século XIX foi o cenário deste processo urbano. O que leva a pensar no velho dito popular: “a necessidade faz o homem”. Aqui, neste, fez-se uma cidade. Este comentário refere-se aos aspectos ambientais no qual se estruturou esta urbanização. Segundo os viajantes que por aqui passaram no início do século, nesta terra não havia nenhuma condição de estruturar nada. Uma região pobre de vegetação, terreno de areias finíssimas, muito pantanoso, com ventos contínuos que transportavam as areias. É nesse momento que reafirmo que é impossível falar na história riograndina sem falar em história ambiental, pois a grande rival desta urbanização é a força da natureza, presente em todas as fases da urbanização, ou seja, até os dias de hoje. A população dessa região aprendeu a conviver com as adversidades que o ambiente oferecia. Segundo Dreys, a povoação do Rio Grande consistia em uma vitória do homem sobre o ambiente natural ¹¹.

Sem dúvida alguma, as dificuldades da cidade eram devidas ao seu ambiente onde, segundo estes viajantes, a areia era a antagonista deste desenvolvimento urbano, dificultando toda e qualquer ação humana neste território. Mas foi exatamente nesta objetividade de vencer todo e qualquer obstáculo que a natureza deste ambiente oferecia, que “caracterizou o processo de urbanização do Rio Grande” ¹² A Figura 4 demonstra parte do esforço realizado neste porto.

¹⁰ ALVES e TORRES. 1997. P 41

¹¹ ALVES e TORRES. 2008. P 51

¹² ALVES e TORRES. 1997. P 45



Figura 4: Gravura sobre o Rio Grande séc XIX

Fonte: MLB-O-103581772_4708

Muitos viajantes passaram pela cidade do Rio Grande e, para a felicidade dos historiadores, muitos deles deixaram seus relatos. Os historiadores Francisco das Neves Alves e Luiz Henrique Torres elaboraram a obra *Visões do Rio Grande: a vila/cidade na óptica europeia (1809 – 1887)* esta é uma versão revisada e ampliada da elaborada em 1995, que tem como título *Visões do Rio Grande: a cidade sob o prisma europeu no século XIX*.

A ideia dessa nova versão é “organizar mais um referencial histórico para estudos da formação social, econômica, política e cultural riograndina”¹³, e também é uma homenagem ao centenário de nascimento do historiador Abeillard Vaz Diaz Barreto¹⁴. Em sua obra “*Bibliografia Sul-Rio-Grandense*”, Diaz Barreto trabalhou primeiro com o material que os diversos cronistas, que serão citados a seguir, produziram. Este obra é considerada uma das mais completas sobre o tema em que ALVES e TORRES trabalharam no livro em sua homenagem.

Nesta nova versão, ALVES e TORRES trabalharam com as fontes dos seguintes cronistas: *Luccock, Saint-Hilaire, Nicolau Dreys, Seidler, Arsène Isabelle, Baguet, Hörmeyer,*

¹³ ALVES e TORRES. 2008

¹⁴ Historiador brasileiro homenageado pelo seu centenário no livro *Visões do Rio Grande: a vila/cidade na óptica europeia (1809 – 1887)*

Avé-Lallemant, Vereker, Conde D'Eu e Ambauer. Europeus de diversas nacionalidades, muitos são franceses, outros ingleses, alemães, belga, austríaco e italiano.

Nesta pesquisa, trabalha-se com apenas dois destes europeus: os franceses e contemporâneos, que passaram pelo Rio Grande em um período bastante próximo. São eles: Auguste François César de Saint-Hilaire (1779 – 1853) naturalista, visita a vila/cidade do Rio Grande em 1820 permanecendo apenas um mês. E Nicolau Dreys (1781 – 1843) Militar e funcionário público, veio ao Brasil exilado por ser um bonapartista. Veio para o Rio Grande em 1825 permanecendo por volta de uns dois anos. Destacam-se devido as suas percepções ao descrever o ambiente da vila/cidade do Rio Grande. Com ideias parecidas em relação ao que viam da vila/cidade, mas com perspectivas bastante diferentes perante esta.

Seus olhares para esta Vila/cidade descendem de ideias europeias nascidas no século XVIII. O iluminismo, a era da razão, está bem destacado na formação destes homens que relataram todos os aspectos naturais, culturais, políticos e econômicos deste território.

Para entender melhor, será preciso relembrar o contexto histórico em que esses viajantes encontravam-se. Segundo Guimarães, os séculos XVIII e XIX demonstravam outra visão para o novo mundo. Na era das descobertas, das grandes navegações, o novo mundo era para os europeus um lugar paradisíaco de belas matas, belos animais, uma representação do Éden terrestre. A partir do século XVIII esta representação de um paraíso na terra se desfaz na percepção de viajantes que chegavam nesse novo mundo.

Por pertencerem a uma época na qual a ciência e a razão estavam no auge - a era das Luzes, esta visão tão encantadora cai por terra. Guimarães apresenta em seu artigo a abordagem de Roberto Aventura que diz: “filosofia da Ilustração inverteu a visão paradisíaca da América, ao formar um novo discurso sobre o homem e a natureza americana, marcada pela negatividade”¹⁵. Guimarães traz, ainda em seu texto, pensadores que são adeptos à teoria do “Classicismo” que trata das ideias de que “a natureza foi concebida pelos aspectos da Ilustração como uma exterioridade a ser aprendida pela razão”¹⁶ A História Natural surge neste momento do racionalismo, onde as teorias ganham uma interpretação diferenciada das que se construíram séculos atrás.

No Brasil, como vemos em outras obras de história ambiental, apresenta-se um discurso de caráter crítico. Alguns autores como José Bonifácio¹⁷, que foi influenciado pelas

¹⁵ GUIMARÃES. P.05

¹⁶ GUIMARÃES. P.05

¹⁷ “Patriarca do Brasil”, também naturalista, estadista e poeta. (1763-1838)

mesmas tendências do século XVIII e XIX, descrevem com intenções diferentes ao dos autores que aqui estão em destaque. Os casos de Nicolau Dreys e Auguste de Saint-Hilaire não apresentam ideias reformistas como José Bonifácio, que apresenta um discurso conservacionista em relação à natureza. Todos estes foram influenciados pelo racionalismo científico que caracteriza a Idade da Luz. As obras de Dreys e Saint-Hilaire apresentam-se em forma de relato de suas observações dos lugares por onde passaram com suas expedições. As críticas destes são em relação ao ambiente e à urbanização que se conflitavam no desenvolvimento da cidade do Rio Grande.

José Bonifácio direciona seus estudos para a cidade do Rio de Janeiro, uma cidade de floretas, serras, praias e uma urbanização já constituída. Eram intensas, neste período, o desenvolvimento das ações extrativistas e de monoculturas. Esta cidade tem características naturais diversas completamente diferentes com as da costa sul da Província: uma planície muito linear coberta por uma areia finíssima e esbranquiçada com vegetação muito simples e uma relva que mal encobria os montes de areias que transportavam-se devido a um vento incessante, pântanos constituídos de banhados e lagoas. Ao ter-se desenvolvida uma urbanização, esses autores (Dreys e Saint-Hilaire) apresentaram seus discursos de uma batalha que foi travada contra o ambiente, ou seja, contra as forças naturais que este ambiente apresentava, e assim o homem permaneceu vitorioso.

Nos séculos posteriores a este que está sendo abordado, foram estabelecidos estudos dos impactos que esta urbanização causou ao meio. No período em que desenvolveu-se a cidade, não haviam estudos científicos relacionados a este tipo de ambiente que hoje os pesquisadores denominam de marisma¹⁸. Estas pesquisas vieram a se fluir no final do século XIX, quando o racionalismo científico estava mais a florado nas sociedades.

A economia era diretamente relacionada ao porto, aqui condiciona-se o comércio de central da província, a pesca era artesanal e as charqueadas ficavam mais ao noroeste da região. Rio Grande foi a primeira Vila/Cidade da Província e nasce com a intenção de fortaleza, para defesa do território português contra a invasões dos espanhóis. O hoje Estado do Rio Grande do Sul foi território de muitas disputas entre duas coroas da Península Ibérica.

E segundo os dois autores, durante a permanência dos espanhóis no Rio Grande em um período de treze anos, a atividade de criação de animais passou a ser bastante considerável,

¹⁸ MARISMAS são ambientes naturais. Alagadiços que são banhados pela água salgada ou doce, para muitos especialistas nas áreas da geografia, oceanologia e outras estes ambientes são importantes berçários para muito seres vivos, tanto dos oceanos quando terrestres. Marismas são áreas dominadas por vegetação herbácea halófitas, planta esta conhecida e destacada pelos Dreys e Saint-Hilaire.

mas, segundo Dreys, deixou muitos prejuízos no terreno riograndino. O gado acabou com o pouco de vegetação que havia.

As histórias que estes viajantes naturalistas nos presentearam com fontes preciosíssimas de caráter investigativo deste ambiente, no século que por aqui passaram, são suas representações e percepções da natureza apresentadas em suas obras que revelam neste território, um conjunto de elementos naturais que se relacionam mutuamente, e a relação do homem com a natureza enquanto aprende a conviver e dominar, ou aprendendo a se proteger do que não consegue dominar. No terceiro capítulo se apresentará a relação do homem com estas representações de natureza a qual Dreys e Saint-Hilaire observaram e descreveram em seus relatos.

2.2 OS VIAJANTES FRANCESES

Nicolau Dreys, um francês nascido em Nancy no ano de 1781, veio ao Brasil, Rio de Janeiro em 1817 através do exílio provocado pela Santa Aliança aos bonapartista em 1815. Era um militar e funcionário público em seu país. Chegou ao Rio Grande do Sul em 1818 onde permaneceu dez anos viajando pelo território. Dreys veio para o Rio Grande do Sul para servir às forças da província que defendiam-se contra as tropas uruguaias de Artigas. Já estabelecido por esta região, dedicou-se às atividades comerciais.

Voltou para o Rio de Janeiro por volta de 1837 onde, em 1843, faleceu. Chegou a publicar no Rio de Janeiro, em 1839, *Notícias Descritivas da Província de São Pedro*. Nesta obra ele trata de assuntos relacionados à sua viagem e permanência por dez anos na província. Dessa viagem, ele destacou em três capítulos suas observações relacionada a: “Topografia Física”, onde abordou as montanhas, a hidrografia, a geologia, a história natural e a meteorologia (agricultura, mineralogia, vegetação, ornitologia, e zoologia); “Topografia Política”, onde comenta sobre cada cidade em que esteve, descrevendo todas as mediações, demografia, aspectos das urbanização e a sua localização; e “Topografia da População” em que são descritos os dois tipos de homens que habitavam este território.

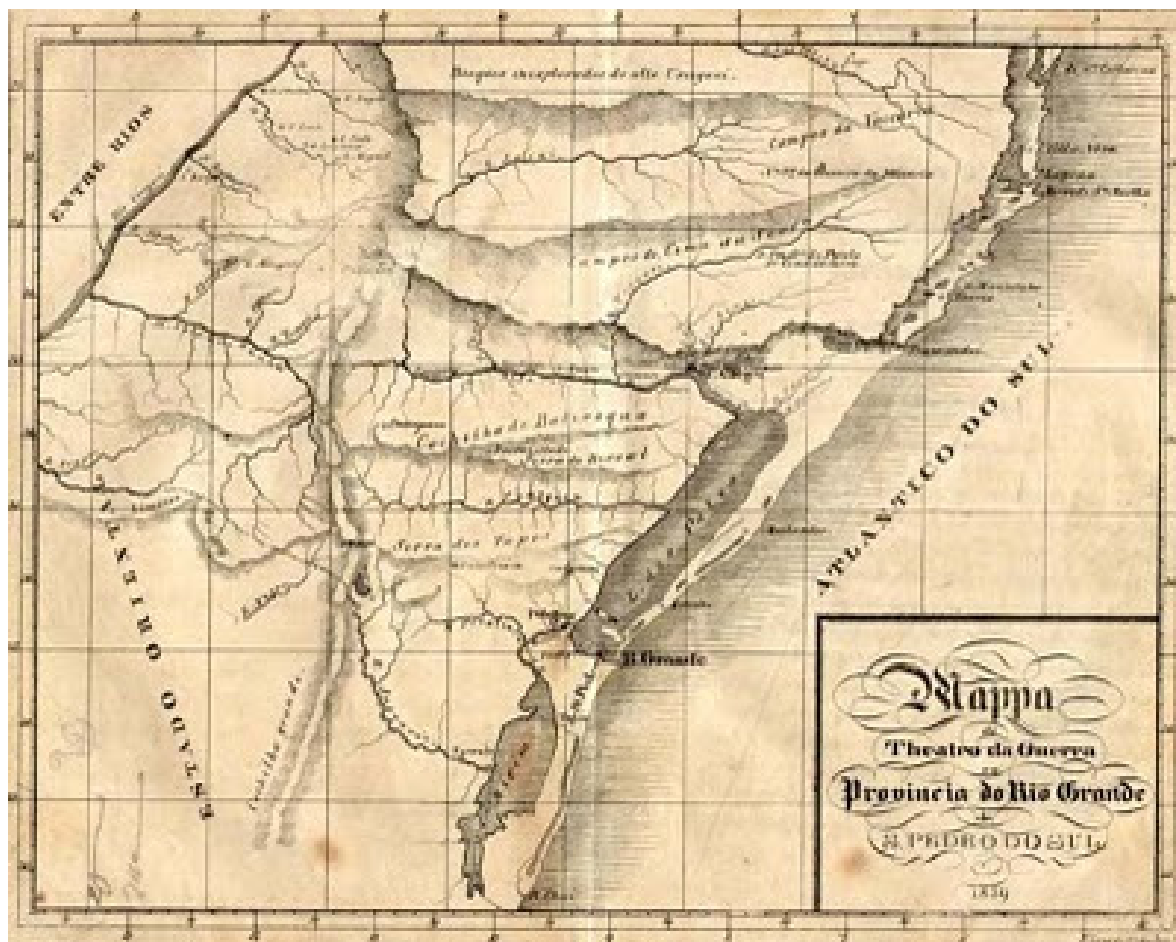


Figura 5: Mapa do Theatre da Guerra na Provincia do Rio Grande de S_Pedro do Sul; Nicolau Dreys, 1839.

Fonte: http://tabernasaopedro.blogspot.com.br/2010/11/blog-post_08.html

Auguste de Saint-Hilaire, nasceu em 1779, em Orleans, veio ao Brasil em 1816. Viajou para várias províncias e cidades realizando uma expedição botânica. Entrou na Província de São Pedro pela cidade de Torres e costeou o litoral até a Cidade do Rio Grande.

Chegou em Rio Grande em 1820 e permaneceu na Cidade um mês, posteriormente seguindo para o Forte de Santa Teresa. Saint-Hilaire descreve todo seu percurso em forma de diário, que é publicado em 1881 na cidade de Orleans. Botânico, tem seu olhar para uma observação de plantas e o ambiente à sua volta. “Sua visão europeia baseada no racionalismo científico e na valorização da intelectualidade, a caracterização das pessoas sociais ocupados, demonstram a projeção de valores europeus nos primórdios do século passado”¹⁹.

Considerava a população que ocupava o novo mundo era menos intelectualizada, até mesmo a elite. Destacou bastante quando encontrava aqui, pessoas com um nível intelectual elevado por sua raridade, mas também deixou claro a sua ideia em relação aos habitantes

¹⁹

ALVES e TORRES. 2008:40

desta capitania. Para Saint-Hilaire, não havia possibilidade de desenvolvimento para a cidade do Rio Grande, pois as suas expectativas em relação à cidade e ao porto eram pessimistas.

É através das visões destes viajantes que discorre o terceiro capítulo, analisando como estes fizeram a representação do espaço onde se desenvolveu a urbanização do Rio Grande, e mediante estas representações, quais são suas perspectivas para o futuro da cidade e se condiz com o que estamos vivendo nos dias de hoje.



Figura 6: Mapa da viagem ao RS. AUGUSTE SAIN HILAIRE 1776-1853

Fonte: <http://profciriosimon.blogspot.com.br/2012/05/arte-brasilidade-e-germanidade-007.htm>

3. AS REPRESENTAÇÕES DE NATUREZA DESTES ESTRANGEIROS

Ao apresentar a Vila/Cidade do Rio Grande pela perspectiva ambiental, a princípio julga-se que os relatos que foram coletados teriam uma postura protetora ou, até mesmo admirável. Pois bem, protetora não seria, porque estes viajantes que passam por aqui relataram e interpretaram sob as condições que seu tempo intelectual estabelecia. Talvez admirável, no aspecto impressão sobre o tipo de ambiente que encontraram: um ambiente visivelmente pacato, mas de constantes movimentos. As interpretações de Dreys e Saint-Hilaire foram perceber este ambiente pela expectativa humana, não ao natural como deveria ser, pois em qualquer momento, mesmo entendendo que os fenômenos naturais decorrentes são normais, a crítica sobre este ambiente é sempre negativa, destacando as dificuldades em que o homem enfrenta ao ocupar este território. Perceberemos que, em cada categoria destacada, o homem encontrou certo sacrifício e, também, uma evidente necessidade de se relacionar com o meio.

Através da análise de conteúdo observaremos as traduções do diário de Saint-Hilaire e dos informativos de Nicolau Dreys. Nada melhor do que esses dois trechos a seguir para entender as percepções de cada viajante. Eles olham o mesmo ambiente, perceberam as mesmas dificuldades, porém sob perspectivas diferentes.

No meio de tantas areias estéreis que a circundam e invade continuamente, ela se apresenta como uma criação excepcional da política e do comércio: indiferente e como estrangeira ao território que ocupa, não deve nada senão ao caráter altivo do industrioso e empreendedor. Ali, o homem pode mais que a natureza; aonde achou impotência e miséria ele faz nascer prosperidade [...]²⁰

Nada mais triste que a posição do Rio Grande, pois, de todos os lados, só se avistam areias, pântanos e água, e em todos os arredores não há nada que possa recrear a vista, nem mesmo uma árvore. Só um pequeno número de casas com jardim, e este, em geral, não passa de um estreito quadrado de terra onde, aliás, se cultiva legumes com êxito; veem-se ainda alguns pessegueiros, figueiras e laranjeiras.²¹

Percebemos, nesses relatos, as diferentes perspectivas em relação ao ambiente no qual a Cidade do Rio Grande vinha formando-se, mesmo tendo eles uma mesma origem nacional e

²⁰

DREYS, p. 77

²¹

SAINT-HILAIRE, p. 75

analisando uma mesma história natural, essas diferenças aparecem devido às intenções, o que estes cronistas queriam encontrar e escrever. Essas são formas de representação na qual estes cronistas viam o espaço físico onde a cidade do Rio Grande encontrava-se. As representações são características a serem destacadas neste trabalho. Segundo Prado²², que trabalha com o conceito de representação apresentada por Roger Chartier, descreve que “as representações reproduzem aspectos de uma visão de mundo, estratégias e práticas que tendem, segundo Chartier, a legitimar determinado projeto”²³. Neste caso, as representações que serão destacadas a partir de uma visão ambiental dos discursos de cada um desses viajantes, revelam a ideia do naturalista, que é observar a natureza como um objeto de pesquisa.

Na continuação deste estudo encontramos relatos do Dreys afirmando que, devido à Cidade do Rio Grande ter um cais regular junto a um porto retificado, que dava condições de competir com cidades bastante reconhecidas na América Latina, este viajante acreditava na prosperidade da cidade como um fator de superação do homem ao sobrepor este ambiente tão hostil ao desenvolvimento urbano.

Já Saint-Hilaire acreditava que a cidade tinha péssimas condições de sediar um porto, pois a profundidade próxima à região em que se posicionava era muito pouca, e somente embarcações pequenas conseguiriam um acesso. São visões diferentes, estabelecidas através de uma tendência da época. Talvez, o que difere nestes dois cronistas é só as perspectivas de futuro em relação a Rio Grande. Suas diferenças apresentam-se na forma como relataram as representações de natureza e a sociedade que se estabilizou neste espaço. Seus relatos transmitem uma superioridade com uma característica elitizada e intelectualizada em relação ao espaço que estavam observando e à sociedade que estava relacionada.

No descritivo de Nicolau Dreys observa-se um domínio nas denominações popular de natureza. Ele descreve com simplicidade os lugares por onde passou, pois o acesso de suas informações foram próximas e de fácil interpretação. Dreys apresentou as características dos ambientes por onde vivenciou ao longo de dez anos no Rio Grande, hoje Rio Grande do Sul. Ele destacou bastante a região litorânea na qual encontrava-se a cidade do Rio Grande e descreveu características deste território: as areias, os ventos, a costa, os banhados, o mar, a vegetação típica, e principalmente a relação do homem diretamente com esse ambiente.

O descritivo de Saint-Hilaire analisou este ambiente com olhar de um cientista natural na área da botânica. Em meio à sua coleção exemplar de plantas e pequenos animais, um

²² PRADO, 2011

²³ Idem

diário no qual relatou sua passada por este território, onde descreveu o que viu e o que sentiu neste ambiente que não pareceu agradá-lo muito. As representações ao longo desde capítulo em forma de categorias revelam, expressam, e desenharam a ideia de ambiente que estes viajantes encontraram e relacionaram-se.

Esta iconografia faz a montagens das representações que são mais predominantes neste ambiente: Areia, Vento e Água.



Figura 7: As Montanhas voadoras do Rio Grande- 1852 - Gravura com ilustrações do Rio Grande
 Fonte: MLB-O-103520226_2867

As *Areias* é a principal característica desta região, e esta a que mais interfere no cotidiano da população do local. Para morar em Rio Grande é necessário que se aprenda a conviver com este elemento natural, que traz tanto transtorno para qualquer atividade que se venha a fazer. As areias para Dreys não eram vistas com bons olhos, pois atrapalhava muito a todos e a qualquer atividade. A região era considerada por ter um terreno estéril. “As areias do Rio Grande têm movimento contínuo”²⁴, as dunas se transportam com a atuação direta dos ventos e que transforma a paisagem de um dia para o outro.

Uma porção de casa da primeira cidade jaz presentemente debaixo das areias, e nessa nova Pompéia não se reconhece o lugar das habitações sepultadas, senão pelos galhos secos de algumas árvores de seus antigos quintais, aparecendo ainda na superfície da massa usurpadora.²⁵

²⁴ DREYS, p.46

²⁵ DREYS, p.46

Dreys identificou este terreno e considerou idêntico a uma parte da Holanda, a representação desta comparação é a ideia de areias movediças. “Todavia a indústria dos habitantes soube senhorear-se só movimento. E viver no meio das areias ameaçadoras, sem incômodo e sem receio”²⁶. As areias são tão brancas que ao cobrirem toda uma superfície apaga qualquer expectativa de cor no ambiente. Dreys comparou esse comportamento das areias administrado pelo vento que às assopravam com o resultado de uma nevasca na Europa.

Saint-Hilaire ficou impressionado com a quantidade de areia e a ausência de árvores e relatou: “o areal é de uma finura extrema que fadiga a vista sua cor esbranquiçada, em forma de montículos”. Muitas vezes presenciou os negros retirarem as areias de volta das casas, num trabalho repetitivo, pois eram obrigados pelos seus donos. O risco de uma casa ficar soterrada era bastante provável. O botânico acreditava que o maior problema da região eram as areias combinadas com os ventos.

Os *Ventos* é outro elemento que rege o ambiente do Rio Grande. Estes ventos assopram para diversas direções, Nordeste a Este, e o Sul a Sudeste, mas o que caracteriza mesmo a região é o *pampeano*,²⁷ vento que vem do sudeste e é considerado pelos habitantes da província como o pior deles, “sua violência seria insuportável, se não fosse curta duração; o que vale aos viajantes surpreendidos por ele é que raras vezes dura mais de três dias”²⁸.

De qualquer parte do horizonte que sopram os ventos no Rio Grande, sempre encontraram na sua carreira as areias móveis que cobrem geralmente toda a região intermediária entre o Oceano e as lagoas. Essas areias, arrancadas de seus frágeis assentos, e dispersas pelos eflúvios aéreos, voam lançadas em todas as direções. Nos dias em que os ventos adquirem mais violência, como por exemplo, durante a impetuosidade do Sudoeste no inverno, as areias espalham-se no ar como um nevoeiro espesso, e o vento as leva assim mais ou menos longe, segundo a sua força; (...) ²⁹

Os ventos e as areias são cúmplices na formação da paisagem natural, são dependentes um ao outro, suas ações são mutuamente realizadas. As areias precisam do vento para se transportar e os ventos precisam das areias para ser percebido e deixar suas marcas.

Vento, areia e água são os principais elementos que definem essa paisagem costeira. É com esses elementos que o homem se relaciona, se condiciona, entra em conflito e se adapta ao longo de séculos de sua presença. Assim como vento transporta as areias redefinindo as

²⁶ DREYS, p.46

²⁷ Denominado assim, por predominar na região do pampa.

²⁸ DREYS, p.25

²⁹ SAINT - HILAIRE

paisagens secas, ele também transporta para as águas alterando a sua profundidade, pois “é natural que a terra que passa na terra se estenda às águas, e que as areias, emanadas das dunas, venham assentar no fundo dos rios e das lagoas”³⁰. São esses os principais desafios que os homens navegadores encontraram na costa. O que esses elementos representaram para esses homens eram como antagonistas para o desenvolvimento da urbanização que nesta região estava se constituindo.

As *Águas*, assim como a areia são predominantes neste território. Em torno de todo o território da cidade do Rio Grande encontra-se água. São salgadas, doces e salobras. A grande parte que banha a cidade é salobra e vem da Lagoa dos Patos. A água doce, água potável, segundo Dreys, é encontrada nas cacimbas, espécies de poço. “A água da cacimba é talvez uma das mais puras que se pode beber no globo, e sua qualidade incorruptível é bem conhecida pelos marinheiros que procuram com preferência(...)”³¹. Encontra-se estas águas no mar, nas lagoas, nos pântanos e no subterrâneo do território. Este elemento encontraremos relacionado diretamente com outras categorias a seguir.

O *Mar* que banha esta costa, se apresentava com pouca profundidade; quando muito agitado, algumas de suas características alteravam-se como a cor azulada para uma cor pálida, esse mar apegado a costa baixa extremamente arenosa, em tempestade a sensação de mar revolto é ainda maior devido a pouca profundidade levantando suas areias do fundo.

O mar desta costa é imenso, prolonga-se até o Polo, “suas enchentes são fracas, e não tomam algum crescimento”³², a não ser quando os ventos do mar são de direção sul e sudeste. A maior enchente que houve por essa época não teve mais de que seis palmos (1,22m), o motivo dessas enchentes tão baixas é pela extensão do mar com o terreno plano, onde facilita bastante a vazante dessa cheias. Essas cheias possibilitam às águas salgadas adentrarem aos rios, considerando caminho pela Lagoa dos Patos que encontrasse essas águas a sessenta léguas, isto é, 396 km partindo do extremo sul da Laguna.

A *Costa* litorânea é uma planície aberta ao mar e, segundo Dreys, numa extensa dimensão apenas dois portos faziam o abrigo das embarcações. São eles: os portos de Laguna e o da Barra do Rio Grande. Esses Portos são naturais, são aberturas para continente onde escoam todas as águas do Rio Grande. Esses portos servem de abrigos para embarcações, pois o perigo de encalhar entre um porto e outro era muito fácil, portanto, todos navegadores

³⁰ DREYS, p.36

³¹ DREYS. P.79

³² DREYS, p.25

daquela região conheciam os perigos do lugar. Esses perigos davam-se por ser uma costa muito linear e assim acumulava areia no fundo formando os bancos de areia e também havia a exposição aos fortes ventos. Pelos olhos de Dreys, esse litoral era uma costa tristonha, nua (sem vegetação cerrada), seca e ameaçadora.

As *Lagoas* são resquícios de um ambiente que era coberto pelas águas oceânicas. Com o recuo do mar, formaram-se grandes lagoas a maior delas é a Lagoa dos Patos que recebe as águas de quase todos os rios da província. Rio Grande é o desaguadouro dessas águas para o mar. As margens da Lagoa dos Patos se diferenciam uma da outra, apresentando características bastante diferentes.

[...] essa margens deriva, segundo as aparências, de um continente já adiantando a criação, pois patenteia nos seus barrancos uma vegetação forte e florescente, enquanto que a margem oriental oferece um penoso contraste, sendo que nesta se desenvolve uma longa e série de praias baixas, arenosas e estéreis[...]³³

A Lagoa Mirim também é extensa, mas não tanto quanto a Lagoa dos Patos, as duas são ligadas por um canal bastante estreito chamado São Gonçalo. “... as correntes do Rio São Gonçalo dirigem-se, conforme os ventos, ora para a Lagoa dos Patos, ora para a Lagoa Mirim, mas que nas enchentes é na direção da Lagoa dos Patos que ele corre.”

O *Pântano* é outra representação descrita pelos dois estrangeiros, define as partes alagadiças do terreno. Este pântano, nos dias de hoje, é denominado como marisma, uma região banhada por água salgada ou doce onde crescem plantas herbáceas. Muitos Biólogos, Oceanólogos e Geógrafos definem que o marisma é um berçário da fauna marinha. Saint-Hilaire define esse lugar pantanoso “na extremidade oriental da península, às margens da Mangueira e do rio”³⁴. Esse pântano é banhado pela água do mar. Dreys relata o pântano assim:

O único lugar que se pode assemelhar a um passeio é um pedaço de terreno ao Sudeste da cidade chamado o *Pântano*, e que não desmente o seu nome, sendo, com efeito, o receptáculo das águas da chuva, as quais, encontrando ali um banco argiloso, não se podem sumir por infiltração e demoram estagnadas: circunstância aliás vantajosas para a população que manda para ali suas lavadeiras.³⁵

³³ DREYS, P:34

³⁴ SAINT-HILAIRE. P 73 e 74

³⁵ DREYS, p 78

A *vegetação* é muito simples, muito pouca, devido ao terreno que é ofertado. Nesta região, ao contrário do que Pero Vaz de Caminha, escreveu em sua carta a Portugal, nem tudo que se planta dá. Segundo Dreys esta vegetação devido as areias, são bastante incertas. Descreveu ainda sobre a questão plantio. Ele relatou que a maioria das casas tinham um quintal com fertilidade para cultivar frutas e hortaliças com uma exata periodicidade que dispensavam as horticultras que recebem das cidades vizinhas. Em período de paz, a fartura sempre esteve presente no Rio Grande. Saint-Hilaire comentou acerca deste hábito de cultivarem nos quintais das casas, mas ele destacou a falta de vegetação e também descreveu o quanto de tristeza este ambiente apresenta devido a esta ausência. Como botânico, seu olhar era focado nesta área.

Umas das únicas espécies de plantas que viu foi o senecio nº 1853 bis, chamado no Rio Grande como malmequer. “[...] Rio Grande e uma imensa área da região; esse panorama, entretanto, nada tem de agradável, porque a vegetação apenas se mostra no campo em pequenos intervalos e por toda parte, imensos espaços, cobertos de uma areia fina e esbranquiçada”³⁶. Segundo os relatos que percebemos, é que a vegetação só começa a ser mais presente ao sair da área urbanizada.

Dreys utiliza das ciências naturais ao definir uma espécie de doença de planta. “... As queimaduras, aliás ferrugem, diz o autor da enciclopédia Portátil, essa doença dos vegetais, que consome o parênquima, e parece carbonizá-lo, sobretudo nos pontos extremos, ataca searas, principalmente nos terrenos arenosos, e nas exposições quentes...”³⁷ Dreys afirma ainda “que os olhos do naturalistas, do militar ou do agrônomo têm pouco com que se ocupar”³⁸ acredita-se que a vida do estudo do naturalista seria a vegetação de um lugar. E. como também disse Saint-Hilaire, nada mais triste do que o nada para distrair o olhar.

As *Ilhas* são predominantes na Lagoa dos Patos sendo que tem uma que parece ser maior que a península em que se instalou a cidade. “As Ilhas do Marinheiro e a do Torotama; as quais estão isentas de areia, estão ao menos cobertas de matas e de verdura assaz succulenta para pastagem ao gado latífero.”³⁹ Entre outras ilhas existentes entre a Ilha dos Marinheiro e a cidade, estão as pequenas e bastante planas. Saint-Hilaire descreveu que tem uma delas que se chamada de Ilhas dos Ovos, pois uma variada quantidade de aves procura essa ilha para botar seus ovos.

³⁶ SAINT-HILAIRE. P 96

³⁷ DREYS. P 53

³⁸ DREYS. P 44

³⁹ DREYS. P 47

Os matos da Ilha dos Marinheiros não são de tão pouca importância, pois que fornecem quase exclusivamente a lenha que se consome na Cidade do Rio Grande, e isto desde longos anos, sem diminuição sensível: existe também neta ilha uma fonte natural de água límpida, que a classe abastada da mesma cidade prefere à água das cacimbas e que manda buscar diariamente para seu consumo, apesar da distância; algumas chácaras que lá se estabeleceram os moradores da cidade, produzem com abundância todas as hortaliças e legumes que lhe pedem: causa certa pena ver um deserto no meio das liberalidades da natureza: a Ilha dos Marinheiros, como a Ilha de Torotama, não tem quase população alguma, além dos escravos empregados na manutenção das quintas, e de poucos pescadores, cuja famílias se ocupam ao mesmo tempo da criação de algum gado.⁴⁰

O Clima em Rio Grande é liderado pelos ventos, as chuvas são bastante irregulares dependendo muito da estação no ano. Chuva demais faz alagar ainda mais o terreno da cidade, já a falta dela as areias voam livremente. Talvez o clima de Rio Grande tenha contribuído bastante na ideia negativa que Saint-Hilaire faz da cidade, pois foi em um mês de inverno que passou aqui, ele acreditava que o clima influenciava bastante no comportamento dos animais, deixando-os inibidos com o frio, já as plantas demoravam mais para se desenvolverem. E lembra que é parecido com o clima de Portugal. Dreys já permaneceu por mais tempo em Rio Grande, pôde perceber bem as diferenças das quatro estações. Assim, sua impressão da cidade foi mais positiva.

O *homem* desta capitania apresenta-se de diferentes características, ou seja, existem três culturas bastante distintas. O homem europeu chegou neste espaço e permaneceu com o intuito de estabelecer um domínio. Que não seria o considerado como uma representação de natureza para estes viajantes. O que realmente poderíamos definir como representação, este homem originário, nativo deste território, seria o indígena, quando este é destacado como homem da natureza, um homem que vive na selvageria da natureza, sem alguma civilização. Existe também um terceiro elemento, entendido como um homem que contém na sua essência as duas origens, a europeia e a indígena. Este homem é chamado de gaúcho e surgiu na região do Prata (pampa), vivia como nômade e suas atividades eram relacionadas ao ambiente natural.

Saint-Hilaire se impressionou com a habilidade na montaria desse homem gaúcho. Ele comentou que na velocidade que andavam a cavalo pareciam sobre-humanos. Dreys comentou, também, que nem mesmos os cavaleiros de São Paulo montavam tão bem quanto o gaúcho. Suas atividades eram sempre realizadas a cavalo.

⁴⁰

DREYS. P 47

Estes povos nativos eram diferentes dos europeus e, principalmente na questão de fixar-se em um determinado lugar, conheciam bem a liberdade, é por isso que não podemos definir onde moravam, se no Rio Grande ou em outro lugar. Assim também como os índios, que neste período já não são de grandes proporções quando da chegadas dos explorados. Pois nesta região que habitava o povo indígena, “os *Patos*” desapareceram, não deixando de si senão o nome que comunicaram à grande lagoa no redor da qual habitavam”⁴¹. São esses três tipo de homens que encontramos neste espaço, onde se relacionavam, mas contudo, foi o europeu com sua civilização e a ideia de domínio que predominou, agregando muitas características dos povos originários.

Essas categorias apresentadas representam as características do ambiente do litoral sul da província. Essas representações, segundo Prado⁴², ao interpretar Roger Chartier⁴³, operam através de conceitos do conhecimento científico para denominar o real. Ela serve como uma mediadora entre um signo linguístico e o concreto. O espaço riograndino possui uma natureza incomum às demais regiões que os autores passaram durante as suas viagens. Por suas especialidades naturalistas estes viajantes apresentam este território com uma representação de natureza “intocada”, ou seja, uma natureza onde o homem não faz parte desta, e nem necessita de sua presença. Saint-Hilaire deixa claro em sua ideia negativa em relação ao território. E Dreys com a ideia de que o homem superou as agressões da natureza estabelecendo uma urbanização bastante próspera.

A natureza apresentada por estes cronistas estrangeiros são de um ambiente difícil de estabelecer uma sociedade, uma civilização. Para Dreys essas dificuldades são aos poucos superadas pelo homem, já para Saint-Hilaire existe a ideia de superar, mas manter esta resistência seria desnecessário. Através destas ideias revelam o pensamento racionalista, iluministas da idade moderna, que expressam em seus relatos a cartesianismo das ideias, separando o sujeito e o objeto. Esta separação, segundo Lucia Cony Faria Cidade⁴⁴, é uma tendência rígida das ciências moderna, esta seria uma ruptura entre o social e natural.

O papel do historiador ambiental é assimilar a propostas destas duas ciências e aplicá-las no estudo na relação do homem e a natureza. Para Woster “A natureza é uma ordem e um

⁴¹ DREYS. P 117

⁴² PRADO, 14.

⁴³ CHARTIER, Roger.

⁴⁴ CIDADE, Lucia Cony Faria

processo que nós não criamos, e ela continuará a existir na nossa ausência⁴⁵. Portanto, não depende de cada ciência definir esta relação, cabe ao historiador ambiental essa percepção.

3.1 A TENDÊNCIA NATURALISTA INFLUENCIADA PELAS CIÊNCIAS MODERNAS

O velho mundo, assim considerado a Europa, a partir dos séculos XV e XVI passou por eventualidades muito marcantes na história do ocidente e do mundo. A formação dos Estados nacionais, o avanço tecnológico das navegações, a sensibilidade artística, as reformas religiosas, a expansão do comércio são as inúmeras eventualidades que romperam com o sistema feudal da considerada idade média. Devido ao movimento humanista que foi se desenvolvendo aos poucos, desde o século XI, repercutiu no século XV o início da idade moderna. A idade moderna para a História é considerada o momentos que mais se produziu informações registradas, pois, muitos autores que estudaram a período moderno afirmam que os homens renasceram para cultura clássica Greco-romana com as características do pensar e expressar, que a igreja deixara de lado, para manter o seu domínio.

Esta renascença aflorou à Europa que a cada século foi desenvolvendo características racionais e intelectuais, no qual gerou uma chamada “revolução científica”, o Racionalismo Científico foi o eixo da revolução e transformou não só a Europa como o resto do mundo. Era o poder da razão! É neste mesmo contexto que surgiram as Ciências Naturais, a predominância do objetivo sobre o subjetivo.

O Racionalismo Científico foi o fenômeno que deu ênfase a estudos cada vez mais específicos, levou pesquisadores a investigações mais aprofundadas e desenvolveu conceitos como evolucionismo, determinismo, naturalismo dentre outros. A ideia de estudar com precisão surge da necessidade do cientista natural na separação Sujeito e Objeto, com o objetivo de avançar cada vez mais o estudo tornando-o assim mais especializado. O racionalismo penetra em todas as áreas do conhecimento humano, pois a partir deste período as instituições foram se fragmentando, formando novas áreas de pesquisas. A História passa por esse processo com o surgimento de novos estudos, novas áreas a serem pesquisadas.

⁴⁵

WORSTER. P 210

O mundo foi movido por essas tendências que ao mesmo tempo em que trouxe resultados positivos trouxe também resultados negativos como o isolamento das pesquisas, e a falta do diálogo entre as diversas áreas do conhecimento.

As formas de se relacionarem a este objeto são diferentes, devido as diferenças culturais que existe entre o homem europeu e o homem que surge neste território, pois analisando como Saint-Hilaire descreve este homem, que se relaciona diretamente com o ambiente natural, apresenta certa antipatia ao comportamento destes homens. Relata a ideia de que os habitantes desta província não seriam nem mesmo intelectualizados. Seus olhares são tão observadores e acreditava que este ambiente não combinava com a presença humana, ou seja, da presença humana de civilização europeia. Neste caso, seriam suposições para tentar compreender esta vertente racionalista que surgiu na França, partindo das descrições de Dreys, para entender como se define com relação as ações do gaúcho, habitantes originários desta região.

O racionalismo na Europa, devido a sua característica do homem mais intelectualizado, ofereceu a oportunidade de novas vertentes. Na França, segundo Lucia Cony Faria Cidade, “enciclopedistas viam a natureza como uma grande cadeia e a sociedade como parte dela” e diz ainda que a “concepção materialista de natureza enfatiza uma conexão entre os fenômenos naturais e sociais”⁴⁶, esta ideia apresenta-se contrária ao racionalismo predominante e ao que os autores representam em suas formas de observação.

Talvez a ideia contrária se aplicasse nas observações sobre uma sociedade originária, seria o caso dos indígenas, e do próprio gaúcho que surge e pertence a esta região. Mas acredito que essa análise seria para estudos futuros, observando-se apenas que para Saint-Hilaire e para Dreys estes representantes regionais são também objeto de estudo. O que realmente seria interessante resgatar é o que todo esse racionalismo gerou e o que transportou para o futuro de seu século.

É também no XVIII, que a concepção de natureza passou a se inspirar na Física, a natureza "máquina". Expressava-se assim o fruto do triunfo da física e da matemática enquanto conjunto de proposições necessárias para a compreensão dos fenômenos naturais. A transição para o capitalismo teve neste momento um ponto alto, na medida em que a produção fabril permitiu à burguesia consolidar o domínio do processo técnico da manufatura. Desta forma, superava o modo de produção artesanal que havia sido predominante no feudalismo. Estavam dadas as condições para o fenomenal

⁴⁶

Este trecho foi retirado do artigo de Lúcia Cidade, onde ela apresenta este conceito de racionalismo.

desenvolvimento das forças produtivas através da divisão processual do trabalho, o que possibilitou o surgimento da indústria.⁴⁷

Evidente que pensar no início do século XIX em Rio Grande está um pouco distante dos desenvolvimentos industriais da Europa, mas este desenvolvimento chega na cidade em menos de meio século, assim, desconsiderando a produção de charque que comanda o desenvolvimento econômico da Cidade do Rio Grande.

⁴⁷

ABRAHÃO. 2009

4. CONCLUSÃO

Escrever a história do Rio Grande hoje não é escrever nenhuma novidade, devido ao grande número de trabalhos já concretizados em relação a esse tema. O que foi proposto e realizado neste trabalho foi focar um novo olhar sobre as fontes, já utilizadas por outros historiadores e em suas historiografias. A ideia de olhar a história do Rio Grande, já escrita, sob o foco ambiental.

Este trabalho é voltado para a apresentação de uma pesquisa de história ambiental, cujo período antecede a qualquer movimento ambientalista. O que encontramos são percepções de um ambiente natural e as transformação deste ambiente pelo homem.

É notório que a natureza por si só transforma-se como podemos notar nos relatos de Nicolau Dreys quando ele identifica o processo de formação das lagoas e entende o seu processo contínuo, destacado no segundo capítulo, não só deste caso como no todo. E ainda no segundo capítulo foi apresentado as representações naturais deste território relatados pelos cronistas, foi tratado também os fatores que influenciaram fortemente a formação destas representações. Mas o que destaco, além das transformações com a influência humana, são as contradições na perspectiva de futuro que cada autor apresenta.

Através de cada relato percebemos a história ambiental fluindo e bastaria então organizar as ideias e teorizá-las. A história Ambiental da cidade do Rio Grande no início do século XIX foi escrita observando como as relações entre homem e o ambiente o transformam, trazendo a urbanização bastante intensa para o ambiente e impera sobre as areias. Essa transformação foi possível devido a ideia de que a natureza seria um objeto, onde pode se manipular elementos, pois o homem está dominando as ciências da terra, portanto dominaria o meio natural.

Poderíamos chamar de natural relação homem e natureza, levando em consideração que o homem faz parte do ambiente, trabalhando com uma ideia socioambiental. Acredito que esta ideia serviria se tratássemos de homens pertencentes a este espaço, como por exemplos os povos originários deste lugar.

O que realmente se trata neste período do século XVIII e principalmente do século XIX, são populações que vem habitar este espaço com certa intenção de exploração, assim compreendemos que o processo não seria natural, mas sim artificial ao considerar as estratégias de povoamento e de fixação a este território. Necessidade trouxeram esses homens

até aqui, mas acredito que não por uma necessidade natural do ser humano, mas sim como uma necessidade material e cultural do homem dito civilizado. Ao analisar esta relação homem e natureza através dos olhares destes viajantes, percebemos que existem dois sujeitos. O primeiro seria o que constrói a urbanização com a proposta exploradora oferecida pelo porto, e o sujeito que já habitava este território, como o gaúcho e o remanescente indígena e que se relaciona diretamente com este ambiente. Sem grandes afirmações essas questões apoiadas em meras suposições, trazem a reflexão a respeito destas relações.

No século XIX no Rio Grande, segundo as fontes utilizadas, destaca-se um desenvolvimento estrondoso em relação ao crescimento urbano, a percepção de um ambiente completamente transformado, reconhecido quando paramos para analisar o passado e o seu presente, porque quem nasce hoje jamais perceberá que entre prédios e asfaltos existiram morros de areia que se moviam ao bel prazer dos ventos e soterravam casas. E que junto a isso, houve imenso esforço feito pelo homem para manter e conseguir extrair e explorar ao máximo o que este ambiente poderia oferecer, e erguer uma urbanização.

Acredito que continua a herança de exploração capitalista que impera como nunca nos séculos posteriores. É impressionante e importante perceber o quanto o capitalismo transforma o meio natural, devido as práticas exploratórias de esgotamento dos recursos, e o meio natural transforma o capitalismo, pois o capitalismo se molda as suas necessidades, este se refaz a cada crise, mas segue com os princípios exploratórios e do consumismo. O que o homem enfrentaria para desenvolver as suas potencialidades, suas ambições, suas necessidades de consumo? O porquê de se impor em circunstâncias ameaçadoras para obter a dominação dos recursos dos quais sequer dependeria para viver? Nos dias de hoje pensar-se-ia numa estrutura urbana neste território? Foram esses questionamentos que ao longo do trabalho foram surgindo. Perguntas que levaram a reflexão da urbanização do Rio Grande, e o principal - à comparação e análise sobre as perspectivas de futuro desta cidade.

Hoje, século XXI, Rio Grande passa pelo terceiro desenvolvimentismo econômico. A cidade está totalmente urbanizada, com um porto em pleno desenvolvimento. Olhando assim, concordaria com Nicolau Dreys quando afirma que por piores as condições naturais que a urbanização sofre, hoje Rio Grande é uma cidade que prosperou, desenvolveu seu porto e firmou-se em um território estéril em uma crescente urbanização. Já Saint-Hilaire, com sua negatividade, nunca apostou neste desenvolvimento, considerava a vitória do homem sobre este ambiente natural, mas não que conseguisse manter-se aqui por muito tempo. Analisando todo o processo de urbanização da cidade do Rio Grande, talvez Saint-Hilaire não estivesse

tão equivocado em suas perspectivas negativas, pois todos os processos desenvolvimentistas que geraram em Rio Grande pós-século XIX estagnaram na última década do século XX, até mesmo o seu importante porto parou de progredir devido a falta de investimentos. Sem dúvida, esta estagnação está relacionada a política e à economia, e não às forças ambientais que Saint-Hilaire alegava em 1820, mas aprofundando mais esta reflexão, pensamos no quanto este terceiro desenvolvimentismo, o Polo Naval, vem transformando a cidade do Rio Grande. Será que seu ambiente natural suportará essas demandas? Pois o espaço físico permanece praticamente o mesmo, mas a aceleração do seu desenvolvimento urbano está ultrapassando os limites ambientais. A história ambiental nos leva a reflexões além do período estudado.

Portanto, o trabalho das representações serviu para compreender a percepção do ambiente natural que estes cronistas trouxeram em suas obras e também o quanto eram influenciadas pelas tendências de seu tempo. Seus estudos contribuíram para encontrar o que propõe a história ambiental na cidade do Rio Grande do século XIX, observar as relações do homem e de suas atividades com o ambiente, se essa relação é integrada ou se é apenas suas atividades que se relacionam com o meio, se mantendo à parte. E quais são os fatores que levaram o homem a agir desta forma? O que encontramos e percebemos é que Rio Grande não era um paraíso para seus habitantes na ótica de Nicolau Dreys e Saint-Hilaire, e hoje, Rio Grande é um paraíso?

O tempo nos trará respostas, mas, possivelmente seja a postura socioambiental e política que influenciará de forma fundamental na direção desta resposta para a cidade.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Cínthia Maria de Sena. Síntese e complexidade no Pensamento Geográfico. Soc. nat. (Online) vol.21 no.2 Uberlândia Aug. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1982-45132009000200014&script=sci_arttext Acessado em: 25/03/2013.
- ALVES, Francisco das Neves. e TORRES, Luiz Henrique. A CIDADE DO RIO GRANDE: uma abordagem histórico-historiográfica. Rio Grande, URG, 1997.
- ALVES, Francisco das Neves. e TORRES, Luiz Henrique. VISÕES DO RIO GRANDE: a Vila/Cidade na óptica européia (1809 – 1887). Rio Grande, FURG, 2008.
- ALVES, Francisco das Neves. PORTO E BARRA DO RIO GRANDE uma secular aspiração que se tornou realidade. Porto Alegre, CORAG, 2007.
- CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1990.
- CIDADE, Lucia Cony Faria. Visões de mundo, visões da natureza e a formação de paradigmas geográficos. Disponível em: www.geoambiente.ufba.br/.../... Acessado em 05/03/2013.
- DREYS, Nicolau. Notícia Descritiva da Província de São Pedro do Sul. 4 ed. Porto Alegre, Nova Dimensão, EDIPUCRS, 1990.
- DRUMMOND, José Augusto. A HISTÓRIA AMBIENTAL: temas, fontes e linhas de pesquisa. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 4, D. a. 1991, p. 171-197
Disponível em: repositorio.bce.unb.br/.../1/ARTIGO_HistoriaAmbientalTemas.PDF
Acessado em 15/01/2013.
- FREITAS, Inês Aguiar de. História Ambiental e Geografia: Natureza e cultura em interconexão. Geo UERJ - Ano 9, nº 17, vol. 2, 2007.
Disponível em: www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/.../1309/1104 Acessado em 23/02/2013.
- GUIMARÃES, Leandro. A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA E DA CULTURA NAS LEITURAS DA NATUREZA. GT: Educação Ambiental /n.22
Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/.../GT22-1726--Int.pdf Acessado em 23/02/2013
- MORAES, Roque. Análise de conteúdo. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html
Acessado em 14/11/2012.
- PÁDUA, José Augusto. Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786 – 1888) Jorge Zahar Ed, 2002.
- PRADO, Daniel Porciuncula. A figueira e o machado uma história das raízes do ambientalismo no Sul do Brasil e a crítica ambiental de Henrique Roessler. Ed, FURG, 2011.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem ao Rio Grande do Sul. Porto Alegre, ERUS, Martins Livreiro, 1987.

WORSTER, Donald. PARA FAZER HISTÓRIA AMBIENTAL Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 101. 4, n. 8. 1991, p. 198-215

Disponível em: bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/.../1463 Acessado em 15/01/2013.